

LINHA RETA E LINHA CURVA. EDIÇÃO CRÍTICA E GENÉTICA DE UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS

Ana Cláudia Suriani da Silva. [Campinas: UNICAMP, 2003, 264 P.]

É bem vinda a edição crítica e genética do conto “Linha reta e linha curva” de Machado de Assis, que nos apresenta Ana Cláudia Suriani da Silva, resultado de sua dissertação de mestrado. Constitui, em verdade, dupla aventura: enfrentar um autor do porte de Machado nesse estágio de formação universitária e afinar seu instrumento crítico numa metodologia nova de abordagem do texto literário. Mas com certeza valeu a pena. Primeiramente, pelo material que deixa à disposição dos pesquisadores da obra de Machado, pois, além da edição do conto com o aparato crítico e genético formado pelo cotejo das três versões do núcleo temático (a comédia “As forcas caudinas”, o texto saído em folhetim durante quatro números do *Jornal das Famílias* e o conto publicado em *Contos Fluminenses*), oferece-nos ainda o fac-símile e a transcrição diplomática do manuscrito da comédia. Segundo, pelas possibilidades de compreensão do processo criativo do autor abertas em função do enfoque escolhido, o que ela apresenta nos dois capítulos iniciais e constitui propriamente o resultado de sua pesquisa e reflexão.

Ler um texto literário a partir de novos parâmetros exige sempre que se prepare o terreno, identificando os fundamentos das leituras anteriores que se quer, senão simplesmente substituir, já que fazem parte da história da crítica, pelo menos compreender e redirecionar sob outras perspectivas mais afinadas com as preocupações e os instrumentos de análise contemporâneos. Ademais, os enfoques críticos em verdade jamais se excluem se entendermos que sua utilidade está não apenas em propor uma leitura compreensível do objeto, mas

também em deixar registrados os fundamentos em que se baseiam, sejam como expressão de uma época, de uma tendência teórica ou de um crítico.

Embora reconheça a quantidade de estudos sobre Machado, a autora concentra sua revisão crítica na tradição estabelecida pela análise pioneira de Sílvio Romero (*Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira, de 1897*), cuja orientação, de “foco evolucionista, originário do positivismo”, como sintetiza, teria sido a prática dominante para o conjunto das leituras posteriores das obras de Machado. Dessa constatação, tira algumas conclusões.

Uma delas é que, ao privilegiar a chamada segunda fase da produção machadiana, mais bem realizada esteticamente, tal orientação acabou por se constituir em critério de apreciação para as demais obras do autor. É bom lembrar que o viés estético tende a isolar o objeto nos pontos mais altos da escala de valor. Se esse tipo de postura tem respaldo em uma longa tradição, apresenta contudo o inconveniente de diminuir aquelas obras que fogem ao padrão dado pela fase madura do escritor, ignorando o quadro histórico em que foram produzidas, isto é, não apenas as condições em que o autor desenvolvia sua técnica, mas também o peso de fatores como os meios comunicativos, os hábitos da audiência, os gêneros em voga ou o conjunto das produções com que interagiram as obras de Machado, elementos relevantes para se determinar o lugar de cada uma delas na seqüência produtiva do autor bem como compreender o próprio processo de constituição daquelas obras que foram consideradas melhores. Ana Cláudia traça, por exemplo, o ambiente no qual Machado produziu suas primeiras obras:

Era preciso preparar, para o novo discurso, o público, cujo repertório literário era composto basicamente de obras

estrangeiras e de produções nacionais que, ao se revestirem de cor local, estabelecerem a profundidade histórica da nação e criarem heróis “nacionais”, incorporavam o discurso cuja dominação pretendiam contestar. [1, 23]

Se, nesse contexto, como nos lembra a pesquisadora, “era preciso preparar, para o novo discurso, o público” ou, como já dissera pouco antes, “o autor afinava o ouvido de seus leitores”, a verdade é que também ajustava seus instrumentos de composição e os modos de adensar a trama das histórias bem como os tons e as formas narrativas que iriam torná-lo o autor que conhecemos e admiramos. Daí concluir que estudar o conto machadiano da primeira fase, entre os quais “Linha reta e linha curva”, implica a tarefa de “reconhecê-lo na dinâmica do seu tempo, na qual se combinam aspectos da vida intelectual do escritor, o horizonte cultural em que a obra foi produzida, o leitor e a materialidade” [1, 23]. Esse enfoque que busca recuperar o trajeto histórico e genético da criação confere novo interesse a todas aquelas produções que de alguma forma não se enquadram no que Ana Cláudia chama de “estatuto de texto antológico” — como estágio final do processo criativo —, pois mostram questões práticas que o escritor teve de enfrentar em seu trabalho com os materiais, ou seja, as opções estilísticas, formais e de enredo mais adequadas a cada projeto de composição. Algumas delas instigam a formulação de reflexões interessantes sobre o aspecto processual da atividade criativa. Por exemplo, a transformação da peça em folhetim e deste em conto coloca não apenas a questão do trânsito entre gêneros diferentes — possibilidade que ao menos em tese sempre foi negada pelos clássicos —, mas também a própria concepção de texto enquanto objeto fechado e homogêneo

cujas estrutura, estilo e significado se expliquem por si, independentemente de outras produções, literárias ou não, do autor ou de seu universo de conhecimento.

A percepção desses e de outros aspectos do fazer concreto do escritor só se torna possível quando realizamos um recorte em que as diversas fases do processo de sua construção possam ser cotejadas, deixando ver a capilaridade que elas mantêm entre si. O conhecimento das modificações operadas na obra substitui com vantagens a impossibilidade de entrar na mente do escritor para entender os motivos que o levam a elas. Aqui ressalta a importância da perspectiva genética para a compreensão do processo de escritura, permitindo traçar uma espécie de mapa arqueológico que mostra a dinâmica ou dialética do trabalho criativo no sentido em que cada fase de produção ou transformação da obra desperta a consciência para os pontos fracos dessa fase, mas traz também, ao escritor, as sugestões de como superá-los, e ao crítico ou leitor, o modo mais adequado de compreendê-los.

Como se pode imaginar, essas coisas têm muito a ver com as implicações históricas, estéticas e estilísticas do momento em que a obra é produzida e, naturalmente, como o escritor se coloca diante desse quadro. Com isso, o crítico já não precisa recorrer às antigas metáforas críticas como “inspiração”, “talento”, “gênio”, “modelos”, “fantasia”, etc., que não mais dão conta de descrever o trabalho concreto dos escritores.

Essas são apenas algumas das razões para se ler com proveito o trabalho de Ana Cláudia. Mas com certeza muitas outras descobrirão os seus leitores.

Roberto de Oliveira Brandão é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, membro do Nú-

cleo de Apoio à Pesquisa em Crítica Genética (NAPCG) e autor de *A tradição sempre nova* [Ática, 1976], *As figuras de linguagem* [Ática, 1989] e *Poética e poesia no Brasil (Colônia)* [Imprensa Oficial SP, 2001], entre outros.

MACHADO DE ASSIS, HISTORIADOR

Sidney Chalhoub. [São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 350 P.]

A crítica de um Machado de Assis absenteísta, indiferente às grandes questões sociais e políticas de que foi contemporâneo, entre elas, a Abolição e a República, correu paralela ao descaso com que era vista, até pouco tempo, a produção cronística do escritor. A raiz da acusação de alheamento a pesar sobre Machado é de longa data, podendo ter relação com o contexto brasileiro da segunda metade do século XIX. A ciência e aqueles que a praticavam, os “homens de ciência” da chamada geração de 1870, ganham prestígio considerável, na medida em que se vêem como os melhor capacitados para falar a respeito do Brasil, contribuindo para o país sair do atraso e ingressar no rol das nações civilizadas.

“Homem de ciência, é só de ciência, nada o constringe fora da ciência” (1882), vai dizer Machado de Assis por meio de Simão Bacamarte, médico alienista que pôs a cidade inteira de Itaguaí num hospício. Se não bastasse a pecha de nefelibatas com que eram vistos os “homens de letras”, Machado de Assis ainda publica, em 1881, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance que, por se desviar do cânone realista-naturalista então vigente nas letras nacionais, irá desconcertar críticos literários até os mais abalizados, como Capistrano de Abreu, a emitir questionamento que ficou famoso: “*Memórias póstumas* são um romance?”

Representativa desse contexto de valorização da ciência é a célebre polêmica entre Sílvio Romero e Machado de Assis, cujo ponto de partida foi o ensaio deste último sobre a “nova geração”, publicado em 1879. No levantamento de autores surgidos na época, Machado criticava sobretudo o projeto de crítica literária e o didatismo da poesia de inspiração científica do escritor sergipano. A réplica de Sílvio Romero foi o ensaio *Machado de Assis, estudo comparativo de literatura brasileira* (1897), em que comparadas, a partir de critério evolucionista e etnográfico, as obras de Tobias Barreto e Machado, a daquele era vista como superior à deste. Para além das disputas pessoais, a polêmica deixa transparecer o embate entre “homens de ciência”, que se auto-identificavam a partir de postura intervencionista e atuante, e “homens de letras”, que, na visão de autores como Romero, encontravam-se afastados das questões prementes de seu tempo.

Pode-se dizer que a crítica de um Machado absenteísta deixa de se sustentar quando a autoridade dos “homens de ciência” começou a ser questionada, e quando certas áreas da produção machadiana, no exemplo mencionado das crônicas, foram vistas não como obra menor, opinião de que participava o próprio Machado, que preferiu deixar ficar nos jornais em que foram publicadas as crônicas que escreveu, a fazer uma antologia com aquelas de sua preferência, na solicitação de Mário de Alencar. Decisivos para a mudança de imagem do escritor foram, entre outros, os livros de Brito Broca, *Machado de Assis e a política e outros estudos* (1957), Astrojildo Pereira, *Machado de Assis* (1959), e também, mais recentemente, a entrada em cena de brasilianistas, como John Gledson, autor de trabalhos exemplares, *Machado de Assis, ficção e história* (1986), reeditado em